

A INCLUSÃO DE PORTADORES DE SURDOCEGUEIRA

[Índice](#) [home](#) [Autores deste número](#)

Bruno Tateishi
Irinete Santos
Zhang Jinhui

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar o mundo da surdocegueira e as formas de comunicação utilizadas por pessoas surdocegas, mostrando-se a relevância do trabalho do guia-intérprete para a construção da inclusão social. Além, disso apresentar-se-ão histórias reais de surdocegos e da instituição AHIMSA.

Palavras chave: Surdocegueira, Inclusão Social, Libras.

1. Introdução

Anseio por ver Deus face a face. O Deus que eu conheço se chama verdade. Para mim, o único caminho certo para conhecer deus é a não-violência. Ghandi

A sociedade, na maioria das vezes motivada pelo preconceito, exclui pessoas com necessidades especiais ou múltiplas deficiências. Os portadores de surdocegueira, foco central deste artigo, pertencem a esse grupo de pessoas que, por possuírem uma deficiência e dificuldades de comunicação e relacionamento, se sentem excluídos do convívio social.

A Surdocegueira é uma deficiência única que apresenta as deficiências auditivas e visuais associadas, em diferentes graus de perda. A surdocegueira foi desde 1991 apresentada por Sr. Salvatore Lagati como “uma deficiência singular” e não a somatória da surdez e a deficiência visual. Muitas pessoas até hoje desconhecem esta singularidade. No Brasil, o campo de estudo da surdocegueira é praticamente desconhecido e, conseqüentemente, a bibliografia referente à essa área também é escassa.

A deficiência pode ser congênita ou adquirida. A congênita ocorre quando a pessoa já nasce com a dupla deficiência e a adquirida quando a perda de sentidos se dá com o passar do tempo. A surdocegueira adquirida pode ser classificada em pré-linguística, quando a perda se dá antes da aquisição da linguagem, e em pós-linguística, quando a perda ocorre após a aquisição de língua oral ou sinalizada com as prováveis causas sendo AVC(derrame), meningite, síndrome de Usher, entre outras.

A pessoa surdocega adquirida precisa de reabilitação, com treinamento para mobilidade, aprendizado de novas habilidades de comunicação, ajuda psicossocial, apoio e serviços de um guia-intérprete. Os surdocegos não têm necessariamente

problemas cognitivos, são pessoas normais que podem e levam uma vida normal como qualquer outra, como pode se constatar nas ilustrações a seguir.

De acordo com o Grupo Brasil (2005) sobre o trabalho feito com pessoas portadoras de surdocegueira:

Conviver com a surdocegueira é se defrontar com um mundo totalmente diferente e muito rico de experiências, exigindo conhecimento de técnicas específicas para que se possa desbravá-lo com mais habilidade e eficiência.

Ao se trabalhar com surdocegueira depara-se com algo totalmente novo e inexplorado. Por esse motivo, mostra-se a necessidade de divulgação desta deficiência e os métodos de comunicação utilizados pelos portadores da mesma, além de expor o trabalho do guia-intérprete como essencial para a construção da inclusão social.

2. Comunicação

A maior dificuldade de pessoas surdocegas, causada pela ausência de comunicação oral, é o acesso a informações. No entanto, a vontade e a necessidade de se expressarem faz com que se criem diferentes métodos de comunicação, como observados a seguir:

LIBRAS TÁTIL – A língua de sinais utilizada pelas pessoas surdas adaptada ao tato.



Surdocego e guia-intérprete usando LIBRAS TÁTIL

Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”

TADOMA – A mão da pessoa surdocega se coloca nos lábios, bochecha, mandíbula e garganta do interlocutor.



Surdocega usando TADOMA como meio de comunicação

ESCRITA NA PALMA DA MÃO – Consiste em escrever letras de forma maiúscula na palma da mão.



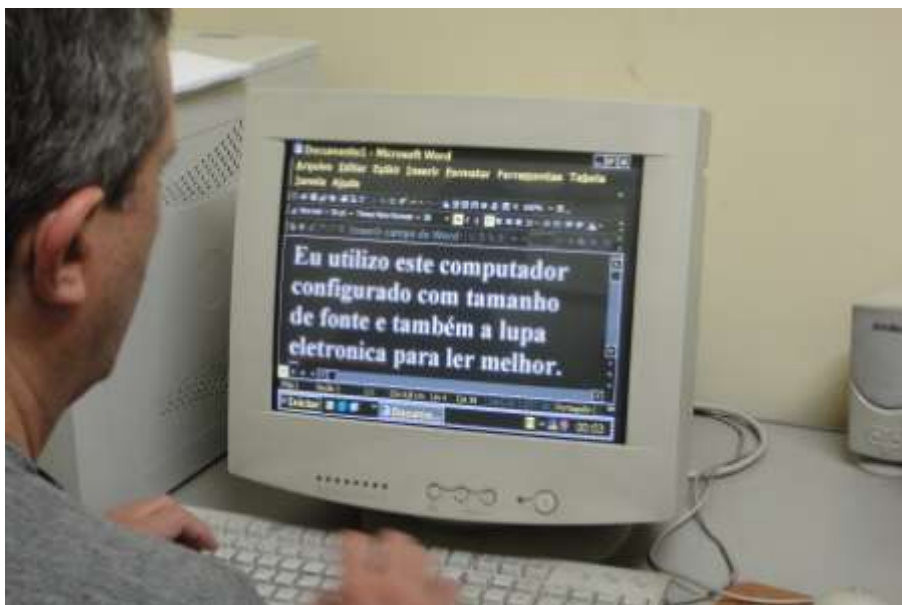
Escrever a letra de alfabeto na mão do surdocego

FALA AMPLIADA – Este método é utilizado quando o deficiente ainda possui resíduos auditivos e consiste em falar de forma clara, perto do ouvido do surdocego.



Conversando usando fala ampliada

ESCRITA AMPLIADA – Destinada para pessoas que possuem resíduos visuais, é um sistema alfabético que se baseia na escrita com tipos ampliados, de modo a ser percebida pelo surdocego.



Computador adaptado com escrita ampliada

LOOPS – É um aparelho de amplificação sonora que ajuda na recepção de uma determinada mensagem.



Guia-intérprete utilizando o Loops na comunicação com surdocegos

Os surdocegos se utilizam de formas específicas de comunicação para terem acesso à educação, lazer, trabalho, vida social. Ainda assim, a presença de um guia-intérprete capacitado se faz necessária.

3. O trabalho do Guia-intérprete

O Guia-intérprete (GI) é o profissional que trabalha com o surdocego utilizando diversas formas de comunicação. Esse profissional deve apresentar algumas habilidades essenciais para que consiga transmitir todas as informações necessárias e de modo compreensível ao surdocego. O trabalho do guia-intérprete inclui a interpretação, a descrição do ambiente e as funções de guia. O GI deve conhecer varias formas de comunicação (LIBRAS, LIBRAS tátil, Fala ampliada, Braille etc.) e antes da interpretação saber do surdocego qual a forma preferida para melhor assimilação da informação, e quais formas podem ser compartilhadas por ambos para numa eventualidade de mudança ser necessário o uso imediato. Deve conhecer técnicas básicas de guia vidente, para conduzir o surdocego a seu destino e livrá-lo de obstáculos perigosos, visando sempre a sua segurança. A descrição visual é utilizada pelo GI para permitir ao surdocego compreender melhor o ambiente; abrange a

descrição, a disposição e movimentação dos objetos e pessoas que os cercam, seja em um ambiente interno ou externo. O papel de Guia-interprete é essencial, uma vez que é como ponte que liga os surdocegos a sociedade, fazendo com que eles sejam de fato incluídos.

4. História de alguns surdocegos

Durante a elaboração deste artigo, foram entrevistados três surdocegos (Claudia Sofia, Carlos Jorge e Eulália Cordeiro) que relataram um pouco sobre suas experiências de vida e a luta por uma inclusão social efetiva.

As entrevistas estão disponíveis em vídeo.

Claudia Sofia é uma surdocega que, utilizando-se do método Tadoma, se comunica com os demais sem nenhuma dificuldade. Tentou usar libras, mas não se sentia a vontade porque língua falada era a comunicação que a acompanhou durante todo o processo de formação.

Claudia perdeu a audição aos seis anos de idade e, três anos depois, foi diagnosticada com retinose pigmentar¹ e a sua visão foi se afinilando pouco a pouco até perder-se completamente.

Apesar de todas essas dificuldades Claudia nunca desistiu de seus objetivos e acreditava que, mesmo sendo uma surdocega, era capaz de fazer tudo o que os demais faziam.

Atualmente, Claudia é Diretora Geral da ABRASC (Associação Brasileira de Surdocegos) e do Grupo Brasil. O seu maior objetivo é a luta pela melhoria da qualidade de vida dos surdocegos (educação, saúde etc.) para que estes possam participar de forma efetiva da sociedade da qual fazem parte.

Carlos Jorge Rodrigues, marido de Claudia Sofia, é um surdocego que, portador da chamada Síndrome de Usher², nasceu surdo e foi perdendo a visão gradualmente.

¹ A **retinose pigmentar** ou **retinite pigmentosa** é uma doença genética que ataca a retina, causando destruição das células oculares. O paciente que possui a doença perde pouco a pouco a visão, primeiro a visão noturna depois a visão durante o dia. A perda de percepção das cores e tonalidades em contrastes também acomete de forma gradual o paciente.

² Síndrome de Usher é uma doença genética que causa surdez e cegueira e caracteriza-se pela associação de retinose pigmentar (RP) e surdez congênita, parcial ou total.

Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”

O seu primeiro método de comunicação foi a LIBRAS, porém, como a perda quase total de sua visão, passou a utilizar a LIBRAS TÁTIL, sistemas no qual o interlocutor necessita fazer os sinais nas mãos de seu receptor.

Freqüentou o Instituto Benjamin Constant (IBC), onde aprendeu o Sistema Braille e teve cursos de informática e mergulho. Tornou-se o primeiro mergulhador surdocego no Brasil e o segundo no mundo, sendo vencedor com 21 medalhas e 1 troféu.

Eulália Cordeiro, também portadora da Síndrome de Uscher, começou a perder a visão e a audição durante a adolescência.

Freqüentou instituições como a Fundação Dorina Nowill e Laramara onde fez, respectivamente, processos de reabilitação e cursos de dança e teatro. Posteriormente, foi indicada para ADefAV (Associação de deficiência da áudio visão), onde, junto com Cláudia Sofia e Carlos Jorge, luta pela inclusão de surdocegos na sociedade.

4. AHIMSA



A **AHIMSA** foi criada por um grupo de 26 profissionais que atuavam há mais de dez anos com pessoas surdocegas e deficientes múltiplos em outro município. Com o intuito de expandir e implementar esse trabalho no município de São Paulo, a instituição, fundada em 04 de março de 1991, iniciou o seu atendimento apenas com

trabalho domiciliar e, mais tarde, complementou-se com atendimento educacional na escola.

A instituição possui como objetivo principal o desenvolvimento de pessoas com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, promovendo a inclusão social. Auxilia seus alunos (em torno de 180) a dominar a independência e a comunicação, além de lutar pelo direito à profissionalização.

A instituição procura valorizar a ética (dá exemplos de integridade, moral, honestidade), a responsabilidade social (exercício da cidadania ao contribuir para educação e reabilitação), a valorização do trabalho em equipe e a promoção de espaços e ações recreativas visando à qualidade de vida e o respeito às necessidades e habilidades de cada um.

Tem parceria com o Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, Abrasc (Associação Brasileira do Surdocego) e Abrapascem (Associação Brasileira de Pais e Amigos do Surdocegos e Múltiplos Deficientes).

A instituição promove, ainda, diversas atividades de recriação. Como pôde ser verificado em visita à AHIMSA, os alunos participam de atividades artesanais (confeção de agendas, telas, biscuit, mosaico etc.) e culinárias, além de se dedicarem à produção de pães dos mais diversos tipos para venda.

5. Considerações finais

A partir das considerações feitas sobre a surdocegueira no decorrer do artigo, verifica-se que a luta das pessoas portadoras desta deficiência está apenas no início e que muitas ações ainda devem ser realizadas para que estas possam ser incluídas na sociedade em que vivem e possam participar ativamente de todos os processos que a cerceiam.

Considera-se também que o aumento do número de guias-intérpretes qualificados como mediadores entre pessoas surdocegas e o meio ao qual pertencem é de fundamental importância, para que estas possam compreender de maneira clara o contexto situacional e, como referido acima, exercer o seu papel de cidadão dentro da sociedade.

A inclusão ajuda os surdocegos a saírem da solidão, do quarto escuro e silencioso no qual se encerraram, e os ajuda a se recuperar de suas angústias. Carinho e atenção fazem com que eles se sintam respeitados, ajuda-os a ter acesso à informação e a interagir com o mundo que os cerca.

REFERÊNCIAS:

Série: Surdocegueira e Deficiencia Multipla, Grupo Brasil, 2005.

Revista Pandora Brasil

Revista Pandora Brasil Nº 24 – Novembro de 2010
“Inclusão em Educação: Caminhos, Políticas e Práticas”

Série: Entrando em contato com a Pessoa Surdocega, vol 1, Grupo Brasil, 2006.
<http://www.ahimsa.org.br/>

Mini currículos:

Bruno Tateishi

Graduando em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pesquisador do grupo de pesquisa, cadastrado pelo CNPq, Lusofonia: relações lingüísticas, culturais e identitárias, pertencente do NEL (Núcleo de estudos lusófonos) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Irinete Maria dos Santos Silva

Graduanda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É Tradutor/Intérprete de LIBRAS, prolibras 2008 MEC. Faz estágios como Guia-Intérprete no Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego. Trabalha como Instrutor/Intérprete de Libras na Escola SENAI "Roberto Simonsen". Participa de estudos práticos e teóricos da língua de sinais (LIBRAS), frequenta palestras e congressos que contemplam o assunto. Atualmente desenvolve projetos de iniciação científica na área de Surdez.

Zhang Jinghui

Nascida em Taiwan, é estudante do curso de Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Interessada em línguas de sinais (Libras) e cultura dos Surdos, ingressou no curso de Libras oferecido na grade curricular de Pedagogia na mesma universidade. Pretende participar de grupo de pesquisa voltada para a área de Surdez, ensino de Libras e questão de bilinguismo na educação.